

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Teoria e práticas da geografia

Ana Carolina Nardy de Almeida Fernandes

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COM O USO DA
CARTOGRAFIA AFETIVA NO ENSINO DA GEOGRAFIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

Rio de Janeiro
2025



Ana Carolina Nardy de Almeida Fernandes

**UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COM O USO DA CARTOGRAFIA AFETIVA NO
ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

Trabalho de conclusão de curso em formato de artigo científico, apresentado ao programa especialização teorias e práticas em Geografia Escolar, vinculado à Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em teorias e práticas em Geografia escolar.

Orientador (a) Professor (a) Stella Mendes Ferreira
Dra.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

F363 Fernandes, Ana Carolina Nardy de Almeida
Uma proposta pedagógica com o uso da cartografia afetiva no ensino da geografia na educação básica / Ana Carolina Nardy de Almeida Fernandes. – Rio de Janeiro, 2025.

24 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Stella Mendes Ferreira.

1. Geografia (Ensino Fundamental) - Estudo e ensino. 2. Lugar (Geografia). 3. Cartografia - Estudo e ensino. 4. Afetividade (Psicologia). 5. Material didático. 6. Atividades didáticas. I. Ferreira, Stella Mendes. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 910

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Dra. Stella Mendes Ferreira TPGE - CP2

Dra. Carolina Lima Vilela TPGE- CP2

Msc. Deborah Costa Fontenelle CAP UERJ

Rio de Janeiro
2025

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COM O USO DA CARTOGRAFIA AFETIVA NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Ana Carolina Nardy de Almeida Fernandes

Resumo: Diante da inquietação enquanto professora do ensino fundamental II pela forma como a cartografia é abordada nos materiais didáticos de Geografia, o presente artigo tem como objetivo debater o uso da cartografia dentro do ensino de Geografia. Para o alcance deste objetivo, realizou-se a análise de 3 materiais didáticos utilizados por 2 instituições particulares e uma da rede pública do município do Rio de Janeiro, com o intuito de avaliar como a cartografia é abordada e utilizada no ensino da Geografia. E como solução da inquietude, é apresentada uma proposta de atividade pedagógica para os alunos do 6º ano do ensino fundamental II, utilizando a cartografia afetiva e relacionando-a ao conceito de lugar, construída met Esta proposta tem como meta contribuir para um processo de ensino-aprendizagem que leva os alunos a compreenderem melhor a si mesmos, o mundo em que vivem e que os permitam interferir no exercício da cidadania com uma atuação mais consciente em que prevaleça o protagonismo do aluno e a espacialização dos seus sentimentos pela cidade. A metodologia utilizada foi através de levantamentos bibliográficos, revisão de material didático e a construção de uma atividade pedagógica.

Palavras-chave: lugar; geografia escolar; cartografia afetiva; proposta pedagógica;

THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF PLACE THROUGH AFFECTIVE CARTOGRAPHY

Abstract: Given the concern as a teacher of elementary school II, with how cartography is addressed in Geography teaching materials and the lapse in the use of cartography in other contents within the teaching of Geography. This article presents the analysis of 3 teaching materials used by 2 private institutions and one from the public network of the city of Rio de Janeiro, with the aim of finding how cartography is approached and used in the teaching of Geography. And as a solution to the concern, it brings a proposal for a pedagogical activity for students in the 6th grade of elementary school II, using affective cartography and relating it to the concept of place, contributing to a teaching-learning process that leads students to better understand themselves, the world in which they live and that allows them to interfere in the exercise of citizenship with a more conscious action and prevailing the student's protagonism and the spatialization of their feelings for the city. The methodology used was through bibliographic surveys, review of teaching material and the construction of a pedagogical activity.

Keywords: Place; School geography; affective cartography; pedagogical proposal.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo nasce de uma inquietação da prática docente: de como a Cartografia é abordada dentro do ensino da Geografia e os seus usos. E a partir da necessidade pessoal de utilizar a ferramenta cartográfica em outros conteúdos geográficos, como na construção do conceito de lugar, para os alunos da educação básica. Percebi que o uso da cartografia é associado aos mapas expostos nos materiais didáticos e no capítulo do conteúdo que aborda o mesmo e depois essa ferramenta não é tão utilizada no decorrer do ano letivo. Uma solução encontrada para este dilema, foi utilizar a Cartografia e as suas ramificações, como a Cartografia afetiva no ensino da Geografia.

A Cartografia sempre esteve presente no ensino da Geografia, arrisco a dizer que a cartografia é uma ferramenta complementar a Geografia, no qual a Geografia estuda o espaço geográfico e as interações sociedade natureza e a Cartografia, por sua vez, representa esses espaços de formas variadas, desde as séries iniciais do ensino fundamental com a alfabetização cartográfica, aos fundamentos da Cartografia que está presente nas temáticas do 6º ano do ensino fundamental ao nível médio e superior.

Para Callai (2000), o papel que a Geografia juntamente com a Cartografia exerce na vida do indivíduo é fundamental, pois tornam possível a leitura do mundo e do espaço de vivência, permitindo compreender que a dinâmica espacial nada mais é do que a relação entre sociedade e natureza. A Cartografia está presente no cotidiano, e a escola tornou-se um mediador desse conhecimento. Com isso, a escola assume a responsabilidade quanto ao ensino, mostrando a importância da linguagem visual no processo ensino-aprendizagem, pois facilita a interpretação espacial através das diversas formas de representar o espaço geográfico, buscando cada vez mais discutir a relação do ensino da cartografia nas aulas de Geografia.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento nacional que aponta as diretrizes no campo da educação, desde o ano de 2018. E, analisando a BNCC e o uso da linguagem da Cartografia no ensino de Geografia, percebe-se a valorização do desenvolvimento do pensamento espacial e o raciocínio geográfico no ensino de Geografia, onde a Cartografia assume papel de destaque para compreensão do espaço geográfico e, nesse sentido, o aluno deve ser incentivado a desenvolver a competência de leitura e elaboração de mapas e gráfico. E, assim, desenvolver mapas a partir da sua percepção com o espaço vivido.

Logo, o uso da Cartografia permite uma reflexão do mundo através de representações, e estas serão suporte para que, na prática do processo ensino-aprendizagem, haja uma construção do conhecimento do conceito de lugar, de forma dinâmica e criativa, pois o uso de mapas permite ao aluno um estudo de áreas e fenômenos ali representados.

Pensando em uma prática pedagógica mais participativa e crítica, apresento um proposta de atividade pedagógica utilizando a cartografia afetiva, através dos mapas afetivos gerados pelos alunos, de análises do espaço, com referência ao conceito de lugar, da vivência, o cotidiano e suas percepções. A prática pedagógica em sala é bem recebida pelos alunos, quando estes conteúdos e atividades são próximos da sua vivência, identificando-os no seu dia a dia, tirando-os da rotina e encorajando a analisar os espaços sob outros ângulos, que podem ser através do afeto, das experiências e sensações. E a cartografia afetiva visa à elaboração de representações de rotas e locais de relevância sentimental para o sujeito no âmbito da comunidade a qual se insere (PAIVA, 2021). Sendo assim, a afetividade é essencial no processo de ensino e aprendizagem, podendo ocorrer através das relações e interações construídas com os professores, alunos e espaços de vivência e estas levam a motivação e ao interesse do aluno.

Diante da necessidade de se apresentar novas propostas aos desafios atuais do ensino de Geografia, como a desconexão entre conteúdos da escola e a realidade dos alunos, ausência de interdisciplinaridade e avaliações focadas na memorização, e da inquietação referente ao papel da cartografia no ensino da Geografia, aplicada ao 6º ano do ensino fundamental (EF) II, este artigo tem como objetivo propor o uso da cartografia afetiva em sala de aula, usando e explorando-a em outros conteúdos, como no ensino do conceito de lugar. Assim, pretende-se tornar a aprendizagem mais próxima da realidade do alunado e conferir maior protagonismo a ele.

Para o alcance deste objetivo, utilizamos os métodos do uso da cartografia afetiva no ensino de Geografia. E, por último, a análise de como o conteúdo da cartografia está presente nos materiais didáticos do 6º ano do ensino fundamental II para, por fim, culminar na apresentação de uma de atividade pedagógica, utilizando a Cartografia afetiva e o conceito de lugar para o 6º ano.

2. METODOLOGIA

A trajetória metodológica deste artigo é constituída por algumas etapas, de caráter qualitativo, com leituras e estudos dos artigos acadêmicos e levantamento bibliográfico e análises qualitativas de material didático utilizados na disciplina de Geografia de duas escolas particulares que foram aprovadas pela Programa nacional do livro e do material didático (PLND) são eles, o sistema de educação SAS e o SAE e o outro da prefeitura do Rio de Janeiro (PMRJ), que foi encontrado no site do Rioeduca 2025 facilmente. Analisando como a cartografia é retratada neste material, a sua importância para a geografia e as habilidades e competências segundo a BNCC e a ausência de outras abordagens cartográficas, como a cartografia afetiva.

Foram analisados os conteúdos relevantes para o artigo, como a Cartografia e seus usos e o conceito de lugar. No material da PMRJ analisamos os blocos 1 e 2 do primeiro bimestre e o bloco 1 do segundo bimestre. O bloco 1 e 2 aborda os conceitos da geografia, como: espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar (págs 227 à 241). O bloco 1 do segundo bimestre aborda as representações cartográficas, as orientações e a cartografia para todas e todos (págs. 242 à 246). No material didático do SAE digital, utilizamos os capítulos 2 que abordam os conceitos da geografia como: lugar, região e território (págs 21 à 29) e o capítulo 3 que aborda orientação, localização e representação do espaço (págs 37 a 59). No livro SAS Educação analisamos os capítulos 2 onde você está, que aborda o lugar para a geografia (págs 14 à 22) e o capítulo 4 que aborda as representações da superfície terrestre (págs 40 à 59). Discorrendo como a Cartografia é apresentada nesses materiais, seus usos e as atividades propostas.

A metodologia da cartografia afetiva tem sido desenvolvida por diversos grupos e coletivos, que buscam mapear os territórios e os múltiplos encontros que se dão nele, destacando as dinâmicas sociais, culturais e afetivas, com base principalmente na geografia e nas cartografias dissidentes como a cartografia feminista e a nova cartografia social.

Por meio da metodologia criada por Bonfim (2010) em sua tese de doutorado que tem por finalidade a captação da afetividade de|Aprender as relações de afetividade com o espaço vivido no que diz respeito à estima de lugar e como o sujeito se observa dentro da composição espacial a partir desta relação, que recebe o nome de Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA).

E por fim, apresento uma Proposta de atividade pedagógica, com o uso da cartografia afetiva relacionada ao conceito de lugar para o 6 ° ano do ensino fundamental II. Respondendo a pergunta norteadora que é: É possível usar a cartografia afetiva associada ao conceito de lugar?

2. Discussões

2.1 A geografia escolar e o pensamento cartográfico com referência na BNCC

O ensino de qualquer disciplina escolar se baseia em documentos que são referências, no qual relata que deve ser ensinado, de que forma e qual conteúdo deve ser ensinado a cada idade. E este documento é a Base Nacional Comum Curricular, conhecida como BNCC. A BNCC entende que “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta” (BRASIL, 2017, p. 359) estimulando a aluno a desenvolver o raciocínio geográfico.

A importância do pensamento cartográfico para o ensino de Geografia está na forma como é abordada, já que a Geografia trabalha com uma pluralidade de espaços e lugares, têm-se a necessidade da utilização de recursos que facilitem a compreensão desses estudos, pois a Cartografia torna-se um instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, e para que sejam facilmente compreendidos utilizam-se as ferramentas da Cartografia nas aulas de Geografia. Vale ressaltar ainda que os conhecimentos cartográficos sempre estiveram aliados aos estudos da Geografia desde a antiguidade.

Richter e Moraes (2020) afirmam que o raciocínio geográfico proposto pela BNCC é o exercício do próprio pensamento espacial associado aos princípios geográficos, sendo de fundamental importância o exercício da espacialidade para compreender o espaço vivido, ou seja, fazer uma leitura geográfica do mundo e o seu lugar.

A BNCC defende, então, o uso do pensamento cartográfico que é produzido na geografia escolar. Segundo os autores Richter e Moraes (2020), o conceito de pensamento espacial, é “um tipo de pensamento que é baseado na amálgama de três elementos: conceitos espaciais, instrumentos de representação e processos de raciocínio” (NCR, 2006, ix).Cavalcanti (2019, p. 96) assim define o

pensamento geográfico:

[...] é a parte de um processo de desenvolvimento de funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1993, 2009) que ocorre continuamente nos sujeitos (estudantes), em processos de formação de conceitos geográficos (cotidianos e científicos: lugar, paisagem...) e no exercício articulado de raciocínios cognitivos genéricos (memorização, análise, síntese) e mais específicos para a Geografia (observação, comparação, conexão, descrição), que são representados/apresentados de diferentes maneiras, articulados em diversas partes[...]

Percebe-se então, que, na BNCC, a Cartografia não é meramente para representar espaços, uma ilustração nos livros didáticos, mas a construção de um pensamento e raciocínio geográfico. Pode se corroborar com Richter e Moraes (2020, p. 159):

A partir desta proposta observa-se uma mudança positiva na BNCC em relação ao trabalho da Geografia com a Cartografia Escolar, pois é perceptível a superação do uso do mapa ou dos diferentes produtos cartográficos como recursos que apenas servem como visualização ou para a localização dos objetos/fenômenos no espaço. Ideias estas amplamente combatidas e criticadas pelos estudos no campo da Cartografia Escolar e que há tempo já fazem parte do discurso em prol de um trabalho mais articulado entre a linguagem cartográfica e os conteúdos geográficos [...].

Rafael Straforini (2018, p. 175) afirma que qualquer conhecimento escolar para ser apropriado significativamente pelos estudantes precisa estar fortemente relacionado ao cotidiano, ao vivido, ao presente, ou ainda, à realidade deles. O aluno passa a ser protagonista das suas experiências e vivências, reproduzindo as em malas e produzindo conhecimento.

E qual é a importância no uso da cartografia no ensino da geografia? Segundo a BNCC, retomar o sentido dos espaços percebidos, concebidos e vividos nos permite reconhecer os objetos, os fenômenos e os lugares distribuídos no território e compreender os diferentes olhares para os arranjos desses objetos nos planos espaciais (BRASIL, 2025. p.355). A BNCC define as competências e habilidades que o aluno precisa desenvolver e ter em cada ano escolar, nos anos finais do ensino fundamental, como o desenvolvimento das habilidades voltadas para identificação, classificação, organização e comparação, em contexto local ou global, é importante para a melhor compreensão de si, do outro, da escola, da comunidade, do Estado, do país e do mundo. Dá-se, assim, um passo importante para a responsabilização do cidadão para com o mundo em que vive.

Em suma, a área de Ciências Humanas deve propiciar aos alunos a capacidade de interpretar o mundo, de compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e de atuar de forma ética, responsável e autônoma diante de fenômenos sociais e naturais(BRASIL, 2017. p. 356).

Os dois temas presentes neste artigo - cartografia e o conceito de lugar para a geografia -cabe nas unidades temáticas estabelecidas pela BNCC como “o sujeito e o seu lugar no mundo” e “formas de representação e pensamento geográfico”. Onde, na primeira temática, as competências e habilidade da geografia : o estudo da Geografia constitui-se em uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo, valorizando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, situando-o em uma categoria mais ampla de sujeito social: a de cidadão ativo, democrático e solidário. Enfim, cidadãos produtos de sociedades localizadas em determinado tempo e espaço, mas também produtores dessas mesmas sociedades, com sua cultura e suas normas”. Já na temática Formas de representação e pensamento espacial, além da ampliação da concepção do que é um mapa e de outras formas de representação gráfica, são reunidas aprendizagens que envolvem o raciocínio geográfico. Esperando-se que os estudantes demonstrem capacidade não apenas de visualização, mas que relacionem e entendam espacialmente os fatos e fenômenos, juntos com os objetos técnicos.

Por que o presente trabalho defende o uso da cartografia associado ao conceito de lugar no 6º ano do ensino fundamental? Com base na BNCC, é no 6º ano do E.F que os alunos precisam desenvolver as habilidades e competências como: a afirmação da identidade sociocultural, do reconhecimento dos seus lugares de vivência e dos estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a escala da interferência humana no planeta” (BRASIL, 2017. p. 381).

Desenvolvendo assim a compreensão das relações que ocorrem na construção do espaço geográfico e toda sua complexidade, além de ter ferramentas para se tornarem críticos e fortalecer a autonomia dos alunos e criar a percepção que este é um sujeito atuante na formação e dinâmicas dos lugares.

2.2 A cartografia afetiva no Ensino de geografia

Assim como diversas outras ciências, a Cartografia passou por metamorfoses e novas perspectivas cartográficas surgiram, dentre elas, a cartografia afetiva com os mapas afetivos. Ao cartografar os lugares a partir das sensações das pessoas, os mapas afetivos dão materialidade para a subjetividade dos espaços vividos, conhecidos, desconhecidos ou imaginados, caminhando para uma representação da rua, do bairro, da cidade não pelo prisma político do Estado e sim pelo microcosmo do cotidiano e das construções imaginárias do EU sobre o espaço (LORENZO, 2023). A partir desta definição, pode-se trabalhar a intersecção da cartografia afetiva e o conceito de lugar, inserindo a relevância cartográfica em outros conteúdos dentro da geografia. Colocando o aluno como protagonista, utilizando suas vivências, socialização, cotidiano, suas práticas, sua cultura e identidade, onde se expressa, se sente pertencente e criando afeto, se percebendo como agente atuante destes espaços. Para compreender a disciplina de cartografia e o seu lugar no mundo.

A cartografia afetiva, de acordo com Paz e Bueno (2021, p. 193-194) “se apresenta como método de abordagem para estudos da subjetividade, se constituindo como método de pesquisa-intervenção que se orienta a diagramar redes, considerando as experiências de cada sujeito e suas diferentes temporalidades”. Elaborando assim, representações de locais de relevância sentimental individual do seu lugar de vivência, do afeto, da identidade, do pertencimento ao lugar, à rua, ao bairro, à cidade.

Para abordar a afetividade no ensino, oriento-me com referência nas teorias de ensino e aprendizagem dos autores Henri Wallon (1947) e Piaget (1896-1980), no qual experienciam a importância do afeto no desenvolvimento cognitivo, buscando compreender que o afeto também pode estar presente na forma como aprendemos, atrelado às disciplinas, enxergamos os lugares e os espaços e estes nos influenciam e corrobora com a construção do conhecimento.

Segundo Henri Wallon (1947), a afetividade é um elemento essencial no processo de aprendizagem, no qual o afeto e as emoções são fundamentais para a formação da personalidade e na construção do conhecimento. Através das interações afetivas com o ambiente os alunos constroem significados e atribuem sentido às suas experiências. E como utilizar esta teoria em sala de aula? Proporcionando experiências práticas e significativas, que estimulem a curiosidade e a participação ativa das crianças, envolvendo atividades lúdicas, interdisciplinares e multiculturais. Mahoney e Almeida (2005) destacam que “para Wallon, a aprendizagem acontece a partir do relacionamento com o meio humano e físico” (p. 16).

Na teoria de Piaget, a afetividade é caracterizada como um instrumento propulsor das ações, estando a razão a seu favor. A afetividade funciona como a energia que move a ação, enquanto a razão possibilita, ao sujeito, identificar os desejos e sentimentos, e permite obter êxito nas ações efetuadas. Piaget reconheceu, portanto, que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva (DANTAS, 1992). Podemos assim, utilizar o afeto para ser mediador da construção do conhecimento. Segundo Freire (1983), não existe educação sem amor. Para ele: “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais [...]” (p. 29).

Entende-se, portanto, que não é possível aprendizagem sem que exista afeto, porque para aprender é preciso gostar do que nos está sendo apresentado. Não existe aprendizado sem que a afetividade esteja envolvida neste processo. A afetividade não se resume em manifestações de carinho físico, mas principalmente em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo. O afeto é algo que se tornou essencial na educação atual para um ensino-aprendizagem, estimulando o aluno a ter uma aprendizagem significativa, crítica e autônoma através da relação com o seu espaço vivido.

Quando me refiro ao afeto no ensino, não faço menção apenas a relação professor-aluno, aluno e escola, mas também ao ensinar com base no afeto dos alunos com o seu meio, com o seu lugar no mundo, com suas vivências e assim, partilhando seus sentimentos com os demais e se percebendo como um ser atuante, crítico do mundo.

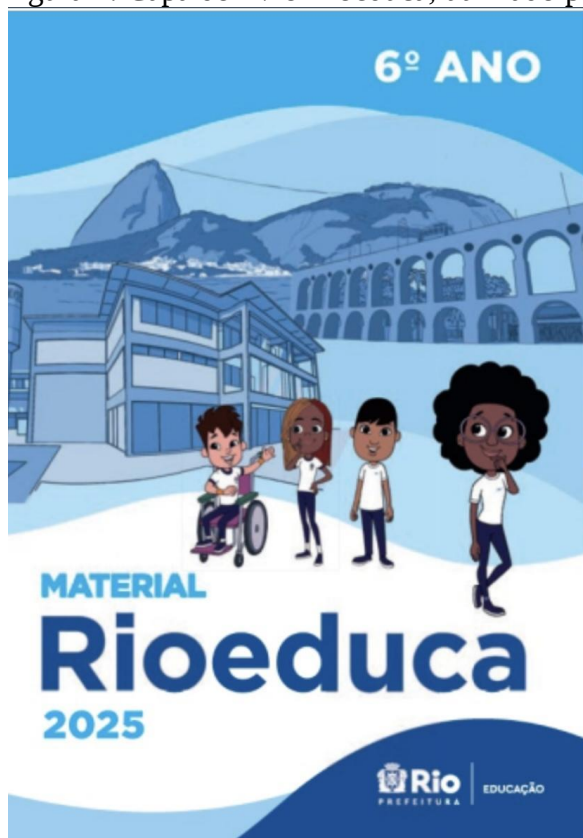
3 RESULTADOS

3.1 A cartografia nos materiais didáticos

Apesar da importância da cartografia no ensino da geografia, essa ferramenta ainda é explorada nos livros didáticos de uma maneira tradicional e representando os espaços de maneira hegemônica, a partir de uma visão dominante. A forma tradicional a qual me refiro são as representações e classificações dos mapas, como político, físico, temático, dentre outras formas, sem demonstrar outras abordagens de uso, como os mapas afetivos, sociais e experienciais, sem destacar o protagonismo de outros agentes não dominantes, ou até mesmo dos alunos.

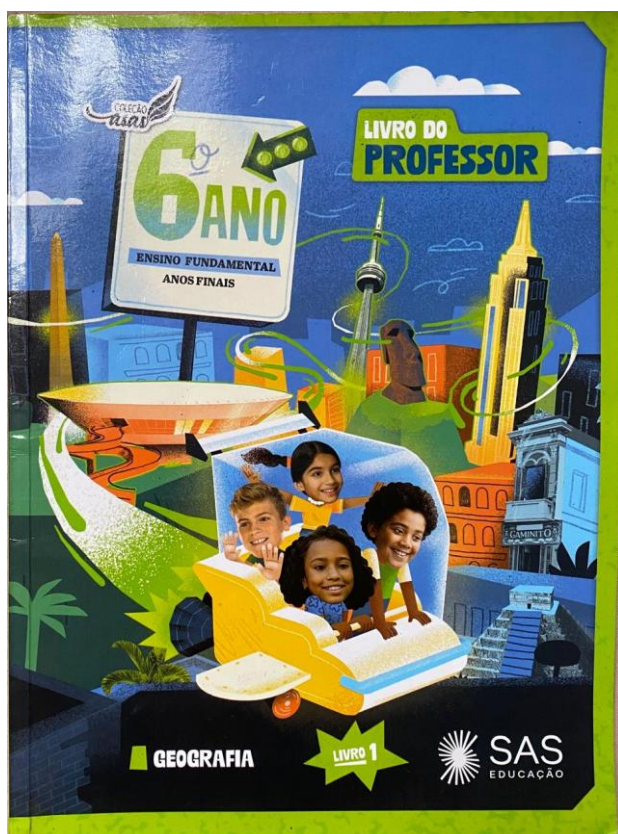
Buscamos averiguar de que maneira a cartografia vem sendo apresentada nos materiais didáticos, foram analisados 3 materiais didáticos voltados para o 6º ano do EF II, sendo dois destes utilizados pela rede particular, que foram aprovadas pela Programa nacional do livro e do material didático (PLND) são eles, o sistema de educação SAS e o SAE e o outro da prefeitura do Rio de Janeiro (PMRJ). A seguir, apresento algumas figuras com imagens dos materiais didáticos utilizados, com o intuito apresentar a capa do livro, as páginas analisadas para visualizar como a cartografia é abordada em cada material didático e facilitar e identificar as análises realizadas sobre esses conteúdos.

figura 1: Capa do livro Rioeduca, utilizado pela PMRJ.



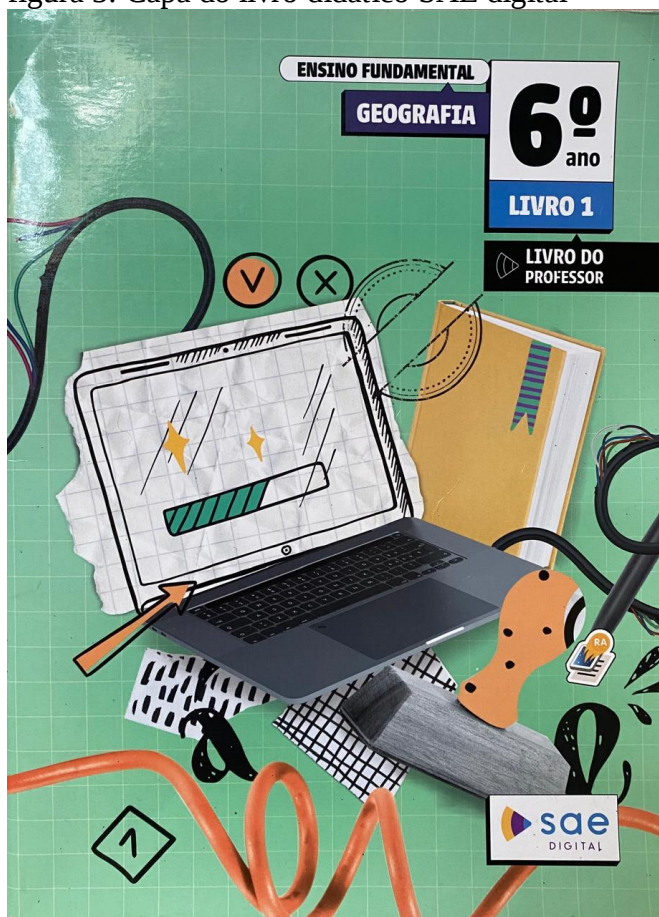
Fonte: rioeduca encontrado no site: <https://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/#>

figura 2: Capa do livro didático SAS educação.



Fonte: SAS educação, 2025.

figura 3: Capa do livro didático SAE digital



Fonte: SAE Digital.

figura 4 : Como a cartografia é abordada no material didático Rio educa.

BLOCO I

Olá, pessoal! Chegamos ao 2º Bimestre e aqui vamos conhecer um pouco mais sobre as linguagens que a Geografia utiliza. Vamos lá?

REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS

A Geografia utiliza diferentes formas de linguagem para representar seus fenômenos espaciais. Vejamos algumas:

Globo terrestre: é a visualização tridimensional mais próxima do formato da Terra.

Mapa temático: representa o Espaço geográfico a partir de fenômenos específicos.

Maquete: são representações tridimensionais de um determinado local.

Planta: oferece ao observador a precisão de ruas, quarteirões, prédios, salas, entre outros.

Croqui: é uma forma de desenho livre que expressa a relação dos lugares entre si, a partir da experiência e ponto de vista do autor.

ESPAÇO PESQUISA

Mire a câmera do seu celular, acesse o Atlas Escolar da cidade do Rio de Janeiro e conheça outras representações.

SAIU NO JORNAL

Mapeamento por imagens áreas de caixas d'água e piscinas expostas pode ajudar no controle da dengue.

31 de março de 2022 – Jornal da USP

Um programa de computador capaz de identificar, a partir de imagens aéreas, caixas d'água sobre telhados ou lajes e piscinas em áreas abertas foi desenvolvido por pesquisadores brasileiros com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial. A proposta é usar esse tipo de imagem como indicador de zonas especialmente vulneráveis a infestações do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor de doenças como dengue, zika e chikungunya. Além disso, a estratégia desponta como potencial alternativa para um mapeamento socioeconômico dinâmico das cidades – um ganho para diferentes políticas públicas.

Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/mapeamento-por-imagens-aereas-de-caixas-d-agua-e-piscinas-expostas-pode-ajudar-no-controle-da-dengue/>

ATIVIDADES

Faça um croqui do quarteirão onde mora e destaque um problema que você identifica em sua rotina. Em seguida, compartilhe com os seus colegas em sala suas impressões a respeito do bairro.

HABILIDADES: Reconhecer os principais meios de orientação e localização utilizados no espaço geográfico.

ZONA NORTE, SUL, OESTE OU CENTRO?

Você já deve saber que os bairros do município do Rio de Janeiro são divididos em quatro zonas: Norte, Sul, Oeste e Centro.

Essa divisão se dá de acordo com um conjunto de morros e rochas chamado Maciço da Tijuca. A norte do Maciço da Tijuca, está a **Zona Norte**, a sul dele, a **Zona Sul**, a Oeste, fica a **Zona Oeste** e a leste, o **Centro** ou **Zona Central**. Pode parecer estranho, mas chamamos o que seria Zona Leste de Centro ou Zona Central por causa da importância e centralidade política e econômica.

INTERPRETANDO IMAGENS

Imagem de satélite do Rio de Janeiro com o Maciço da Tijuca em destaque

Rosa dos Ventos

Município do Rio de Janeiro - Regiões Administrativas - RA - 2017

Município do Rio de Janeiro dividido em zonas

1. Ordene as quatro zonas do município do Rio de Janeiro por extensão territorial em ordem decrescente.
2. Indique o bairro onde fica sua escola e em qual zona do município ele se localiza.
3. Cite os bairros do Rio de Janeiro que você mais frequenta e a zona do município onde ficam.

ASSISTINDO A UM VÍDEO

Mire sua câmera no QR Code ao lado e assista a uma videoaula do Rioeduca na TV sobre o subúrbio carioca.

HABILIDADES: Reconhecer os principais meios de orientação e localização utilizados no espaço geográfico.

fonte: material didático produzido pela prefeitura do Rio de Janeiro. Encontrado no site:multirio.rio.gov.br

figura 5 : Como a cartografia é abordada no material didático Rio educa.

VAMOS NOS ORIENTAR?

Agora vamos praticar a orientação espacial com esta imagem do município do Rio de Janeiro e outros municípios vizinhos. Preparados?

Primeiro, copie essa rosa-dos-ventos em uma folha de papel mais ou menos do tamanho que está aqui. Em seguida, recorte.



Rio de Janeiro e municípios vizinhos

VOCÊ SABIA?

Jacarepaguá, um bairro que se desmembrou em dez

Jacarepaguá fica na Zona Oeste do Rio de Janeiro e abrange parte dos maciços da Tijuca e da Pedra Branca. Hoje, corresponde à área periférica da antiga região da Grande Jacarepaguá, após a criação dos bairros do Tanque, Taquara, Pechincha, Praça Seca, Freguesia, Anil, Gardênia Azul, Cidade de Deus e Curicica. Em tupi, o yacaré-upá-quá significa "vale dos jacarés" ou "lagoa rasa dos jacarés".

<https://www.multirio.rj.gov.br/>

ATIVIDADES

Agora, posicione sua rosa dos ventos sobre Jacarepaguá. Pronto! Agora você pode responder a posição relativa dos outros bairros ou municípios.

4. Indique a posição relativa dos bairros e município abaixo em relação a Jacarepaguá:

Exemplo: A Barra da Tijuca está a LESTE de Jacarepaguá.

A) A Barra da Tijuca está a _____ de Jacarepaguá.
 B) A Penha está a _____ de Jacarepaguá.
 C) Bangu está a _____ de Jacarepaguá.
 D) Copacabana está a _____ de Jacarepaguá.
 E) Pavuna está a _____ de Jacarepaguá.
 F) Seropédica está a _____ de Jacarepaguá.

HABILIDADES: Reconhecer os principais meios de orientação e localização utilizados no espaço geográfico.

O Sistema de Posicionamento Global – GPS utiliza satélites na órbita terrestre para transmitir a localização de um ponto na superfície terrestre.

Nós usamos o GPS muitas vezes. Você consegue citar alguns exemplos?

SAIU NO JORNAL

Satélite israelense que procura água em Marte agora ajuda no combate ao desperdício de água no Rio de Janeiro

22 de março de 2023 – Jornal Nacional

No Rio de Janeiro, um satélite israelense está ajudando no combate ao desperdício de água. O vazamento de água é na Terra, mas, muitas vezes, ele só pode ser visto a centenas de quilômetros, lá do alto, no espaço.

A companhia de água identifica o problema rapidamente quando ele se torna visível. Mas numa cidade como o Rio, o desperdício pode ficar invisível um tempo.

Muitos dos vazamentos que ocorrem no Rio de Janeiro não são visíveis, principalmente na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde terreno é mais arenoso e eles não afloram, não aparecem porque a capa de asfalto é muito forte", conta o presidente da companhia Águas do Rio, Alexandre Bianchini. Por isso, a empresa que administra o sistema de água e esgoto do Rio resolveu investir na tecnologia de um satélite israelense que era usado para procurar água em Marte. E que, agora, está apontado para grandes cidades dos Estados Unidos, Japão e Espanha.

Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/22/satelite-israelense-ajuda-no-combate-ao-desperdicio-de-agua-no-rio-gt.html>

EXPERIMENTANDO

Mire a câmera do seu celular no QR Code e conheça a Comida de Orientação. Que tal montar uma equipe com sua turma?

HABILIDADES: Reconhecer os principais meios de orientação e localização utilizados no espaço geográfico.

Rioeduca

fonte: material didático produzido pela prefeitura do Rio de Janeiro. Encontrado no site: multirio.rio.gov.br

Ao analisar o material do Rioeduca, do 6º ano do ensino fundamental II, admira-se com as abordagens atuais, criando conexões com a realidade do aluno e o seu espaço de vivência, um exemplo dessa conexão ocorre quando o material didático traz a correlação entre as coordenadas geográficas e a localização das zonas da cidade, como as zonas: norte, sul, oeste e centro, tendo como referência a floresta da tijuca, o que é uma realidade e vivência dos alunos deste município. Oferece atividades com o bairro de Jacarepaguá e pede para os alunos localizarem os outros bairros ao redor com o auxílio da rosa dos ventos.

Outro ponto analisado é a linguagem utilizada, em forma de conversas, com textos menores e maior foco nas imagens, tornando-se mais atrativo ao aluno. Transformando o ensino-aprendizagem mais dinâmico e esbarrando nas ideologias de uma educação engajada e crítica. O engajamento ocorre quando o conhecimento é próximo a vivência do aluno, aproximando seu lugar de fala e experiências e crítica quando desenvolve o pensamento, o questionamento, a análise de forma reflexiva sobre o seu espaço de vivência. Conteúdos sendo abordados, desta maneira, exaltando o protagonismo do aluno e aproximando o seu conhecimento prévio de experiências e vivências com o conteúdo escolar.

Analisando a parte de cartografia, o material traz a parte teórica tradicional, como os tipos de mapas que a cartografia produz, as representações dos espaços, às suas finalidades de uso, as escalas e etc e sugere uma atividade, pedindo ao aluno, para realizar um croqui do seu bairro e a identificar um problema existente no seu bairro. O que neste momento, cria uma reflexão crítica no aluno, fazendo com que analise o seu lugar e perceba as suas faltas e problemas e que reconheça e delimite o seu bairro, o seu espaço de vivência. E logo após, o livro traz um capítulo, no qual intitula *cartografia para todas e todos*. Só o nome já desperta uma curiosidade, trazendo uma inovação para a abordagem do conteúdo, demonstrando que a cartografia deve ser uma ferramenta utilizada e acessível a todos. Neste segmento, aborda uma

cartografia social, como uma ferramenta poderosa para destacar as questões sociais invisíveis a maior parte da sociedade. E também, traz uma cartografia sensorial, expondo que é uma representação dos lugares através das sensações, com o objetivo de destacar a vivência dos sujeitos envolvidos e motivar a discussão de estratégias para melhorar a qualidade de vida do local. E sugere uma atividade, chamada mapa de experiência sensorial, no qual o grupo deve observar o seu bairro e escolher emojis que representam o humor e sentimentos sobre cada lugar no seu bairro, como medo, tristeza, alegria, lazer, liberdade, amor, confusão e etc. E no final, criar um mapa sensorial, com legendas, utilizando emojis para representar os sentimentos de cada aluno no seu bairro, juntamente com a rosa dos ventos para orientar (a presença da cartografia tradicional e os elementos do mapa).

figura 10: Abordagem do conceito de lugar associando a cartografia afetiva.

UMA CARTOGRAFIA PARA TODAS E TODOS

A cartografia é uma poderosa ferramenta para destacar questões sociais que podem ser invisíveis a maior parte da sociedade.

Com o auxílio de vários participantes, é possível ouvir experiências e compartilhar conhecimentos sobre os lugares. Isso possibilita a construção de uma representação inédita, cujo objetivo é destacar a vivência dos sujeitos envolvidos e motivar a discussão de estratégias para melhorar a qualidade de vida de local. O registro do território valoriza a memória, tradição e defesa de seus direitos.

Profê, será que a gente consegue fazer um mapeamento desses por aqui?

Eu preparei um desafio especial pra vocês! Que tal elaborar um mapa participativo conhecendo o nosso bairro através da sua experiência sensorial?

VAMOS LER?

Projeto Povos

Sessenta e quatro territórios quilombolas, indígenas e caçaras das cidades de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba participam de um projeto de cartografia social para caracterizar seus territórios. "Em vez de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa para apresentar o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roça, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes para o registro de sua cultura e de seu território. Para a caracterização do Projeto Povos, as comunidades serão convidadas a construir seus mapas apontando sua situação atual em relação à situação fundiária do território, saúde, educação, saneamento, acesso à água, práticas culturais, festas populares, trabalho e renda, segurança alimentar, modos de organização e outros temas escolhidos livremente pelas comunidades."

Adaptado de: <https://www.otsa.org.br/post/projeto-povos-se-inspira-em-cartografias-sociais-para-caracterizar-territorios-tradicionais>

ATIVIDADES

5. Grife no texto os elementos que as comunidades consideram importantes para o mapeamento participativo.

ATIVIDADES

6. Criando um mapa de experiência sensorial:

A) Em grupo, observando o mapa de seu bairro e com o auxílio de seu professor/sua professora, acrescente nomes de algumas ruas que estejam faltando.

B) Escolham emojis que possam representar humores e sentimentos sobre como cada membro do grupo se sente ao circular pelo bairro, por exemplo: alegria, tédio, tristeza, medo, lazer, liberdade, amor, raiva, confusão...

C) Desenhe os emojis escolhidos sobre os locais onde cada um associou aos humores e sentimentos definidos pelo grupo. Dica: quatro ou cinco tipos de emojis serão suficientes para o seu trabalho.

D) Elabore uma legenda ao lado do mapa, relacionando os emojis com humor ou sentimento definido. Não se esqueça de orientá-lo com a rosa dos ventos!

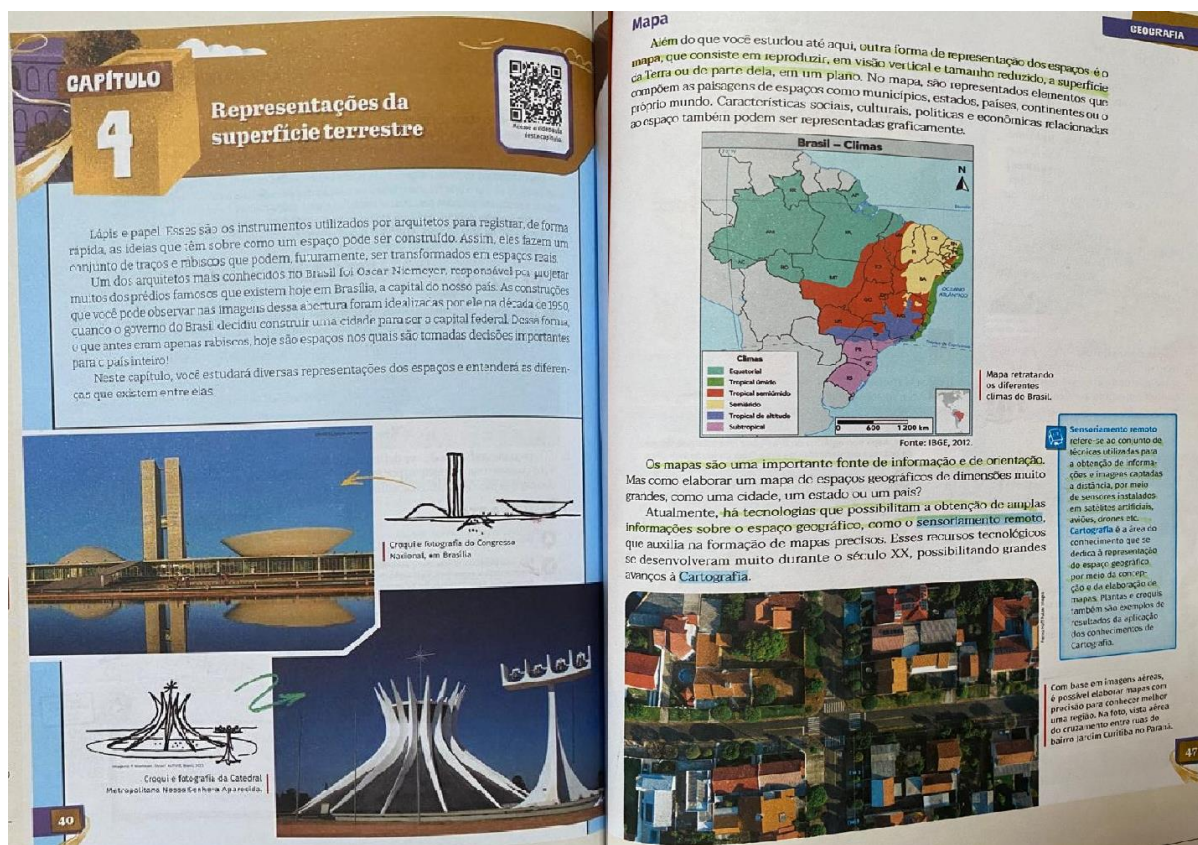
E) Apresente para a sua turma quais foram os critérios escolhidos para a construção do seu mapa, contando como cada um se sentiu durante o processo e sobre as experiências que viveram em alguns desses lugares.

HABILIDADES: Reconhecer os principais meios de orientação e localização utilizados no espaço geográfico.

fonte: Encontrado no site: multirio.rio.gov.br

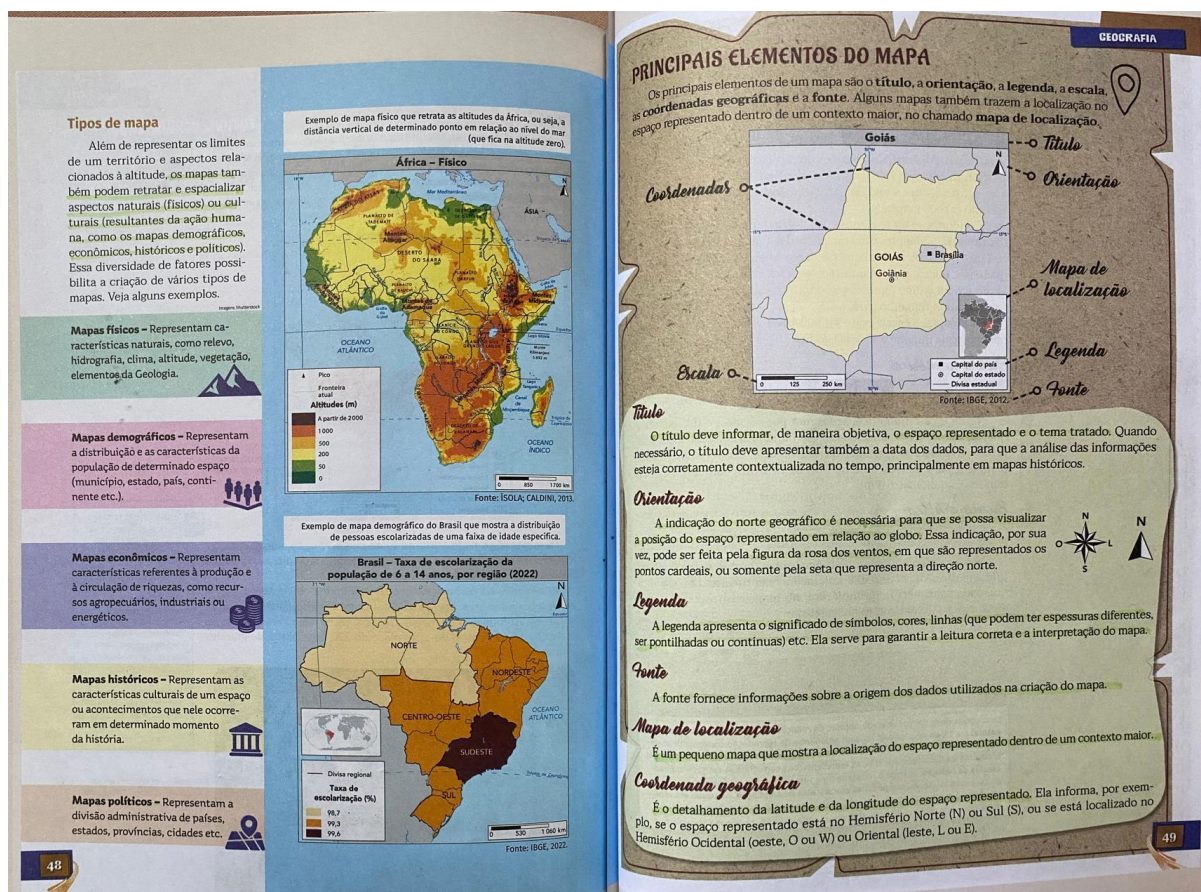
Neste momento, compreendo que existe a relação e possibilidade de trabalhar o conteúdo cartográfico com outros conteúdos geográficos, como o conceito de lugar, representando os espaços do bairro, seu lugar de vivência, do cotidiano, onde exercemos nossas vidas e os sentimentos que temos em cada lugar no bairro. Utilizando outra forma de produzir os mapas e os espaços que não sejam apenas os convencionais e hegemônicos, que são importantes ter conhecimento e acesso, porém serão trabalhados durante todos os anos dentro do conteúdo da cartografia e geografia. É importante o estudante se perceber como sujeito dentro dos espaços, como este se sente em determinados lugares e identificar que o meio no qual vive influencia suas vivências, históricas, formas de pensar, agir, ser, cultura e a qualidade de vida, compreender que o meio influencia nossas vidas.

figura 6: Como a cartografia é abordada no material didático da Coleção Asa (SAS educação).



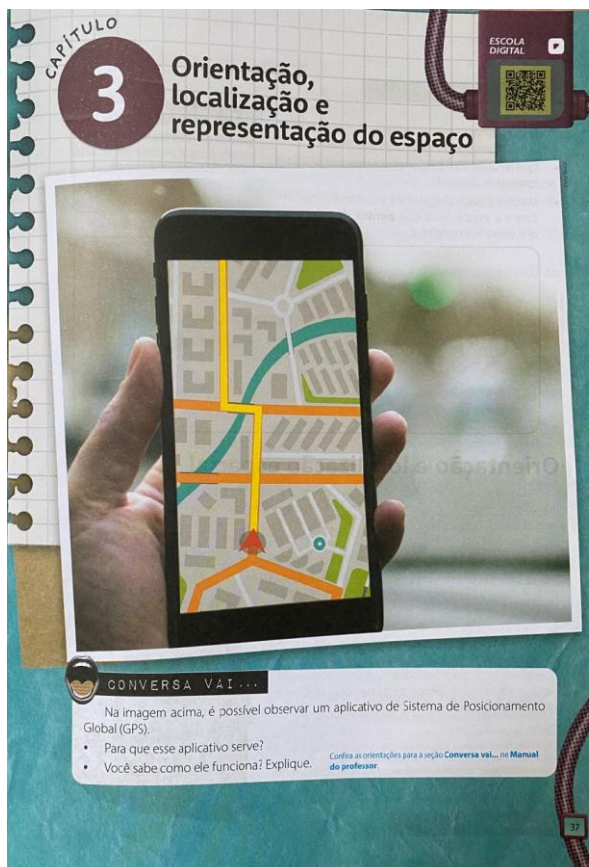
Fonte: Material didático SAS educação.

figura 7: Como a cartografia é abordada no material didático da Coleção Asa (SAS educação).



Fonte: Material didático SAS educação.

figura 8: Como a cartografia é abordada no material didático SAE digital.



fonte: Material didático SAE digital.

Então, a linguagem de toda essa linguagem depende da leitura adequada da legenda do mapa. É ela que contém as informações necessárias para a identificação de cada elemento representado. Além disso, a legenda pode conter informações complementares que contibuem para a compreensão da informação retratada no mapa.

Tipos de mapas

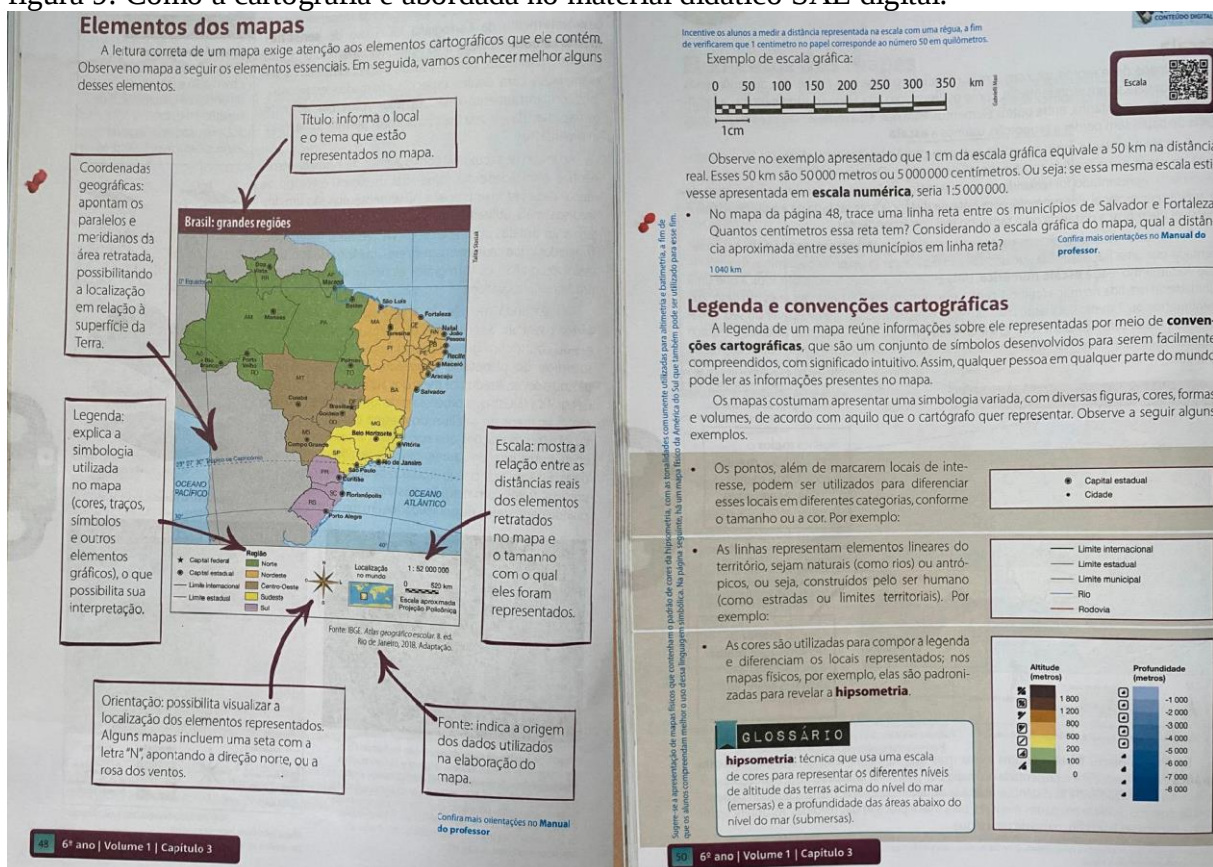
A quantidade de elementos do espaço que podem ser retratados em mapas é muito grande. Por isso, a Cartografia tem também uma grande variedade de tipos de mapas. Entre eles, é possível observar os grupos a seguir.

- **Mapas base ou mapas de referência:** apresentam informações mais simples e genéricas e muitas vezes são utilizados como base para a elaboração de outros mapas, mais específicos. Como exemplo, podem-se citar os mapas políticos mais simples, que destacam apenas a delimitação das fronteiras, as capitais territoriais e, eventualmente, algum outro elemento geográfico básico, como os principais rios.
- **Mapas físicos:** destacam características geográficas naturais da superfície terrestre, tais como relevo, hidrografia, vegetação, solos e outros elementos físicos. Esse tipo de mapa mostra detalhes como montanhas, rios, lagos, florestas e desertos, além de fornecer uma visão do ambiente natural de determinada região.
- **Mapas temáticos:** além da divisão territorial básica, retratam informações específicas do espaço, geralmente de caráter antrópico, como mapas econômicos, mapas de transportes, mapas demográficos etc.

Observe a seguir alguns dos tipos mais comuns de mapas.



figura 9: Como a cartografia é abordada no material didático SAE digital.



fonte: Material didático SAE digital.

Ao analisar os materiais SAS e SAE, eu obtive resultados parecidos e realizei as análises juntas. Os material didático do SAS e SAE são de escolas na qual eu trabalho, o conteúdo de cartografia, é abordado no capítulo representações da terra e seus espaços, na habilidade EF60GE09, com as competências de diferenciar as principais formas de representação da terra e de seus espaços geográficos, considerando suas respectivas finalidades, diferenciar os principais tipos de mapas (físico, econômico, histórico, político e demográfico) e identificar os elementos essenciais de um mapa.

Uma abordagem técnica e conteudista, importante e deve estar presente nos materiais didáticos, porém, como profissional docente, sinto falta de outras abordagens cartográficas, com um cunho social, afetivo, experiencial, sensorial e etc. E que integre a cartografia a outros conteúdos da Geografia. E abordando o eixo centro sul como sendo o protagonista, sem inserir outras realidades do próprio Brasil, que poderia levar o aluno a ter novas experiências e conhecimento de lugares diversos e suas culturas e identidades. Percebo também, a inexpressividade de atividades propostas que envolvam o aluno no conteúdo, como agente produtor do conhecimento, com conteúdos do seu dia a dia, e a relevância desses para o aluno, tornando-o parte do ensino aprendizagem.

Analisando as atividades propostas pelo material, na busca pela produção de mapas afetivos, não obtive sucesso, porém, no capítulo sobre o lugar, o livro propõe uma atividade de colagem, com as transformações da cidade, para o aluno escolher um lugar na cidade que tenha um valor afetivo para todos. Abordando os afetos, que está presente no conceito de lugar. No capítulo 4, que aborda sobre cartografia e representações dos espaços, nenhuma atividade ou menção sobre a confecção de mapas afetivos, sociais etc. Ou sobre a possibilidade ou existência dos mesmos.

Os três materiais analisados possuem cores vivas, que chamam a atenção do aluno, escrita de fácil entendimento, com clareza na linguagem, presença de imagens e mapas variados, associações com a realidade brasileira, com informações atuais, com a sequência dos conteúdos seguindo uma lógica didática, o que facilita a aprendizagem. Porém os materiais do SAS educação e SAE digital identifiquei uma ausência de mapas ou conteúdos que evidencie outros grupos sociais na produção do espaço, como os indígenas, quilombolas, as periferias, o que em alguns momentos deixam o conteúdo mais distante da realidade do aluno, determinando como um produto pronto e definido, não podendo ocorrer alterações. E não insere este aluno como protagonista.

Diante do exposto, uma diferença evidente no material didático usado pela prefeitura do Rio de Janeiro, é que este tem o privilégio de atender somente ao município e conhecer a realidade deste, facilitando a correlação dos conteúdos com o espaço vivido pelos alunos, tornando o conteúdo mais próximo do cotidiano e possibilitando um olhar mais afetivo sobre os espaços. E os outros materiais analisados, abrangem uma área maior de atuação, como diferentes estados e regiões do Brasil, e por este motivo não dialoga especificamente com a realidade local do aluno, porém com uma outra opção de abordagem poderia ser utilizada, como dar ênfase às culturas e identidades das regiões que não fazem parte do eixo centro sul, mostrando a diversidade e outras produções de conhecimento.

E aos professores, que não tenham acesso a esse material que aborda a realidade do local, podem relacioná-los com o espaço vivido dos seus educandos relacionando com o cotidiano, o que encaro como uma educação transformadora, como Paulo Freire (1996, p. 25) diz, Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. E este conhecimento fica mais acessível quando está associado à realidade do aluno, tornando-o crítico e reflexivo e agente de transformação da sua realidade.

Para Paulo Freire, uma pedagogia engajada é uma pedagogia problematizadora que propõe não apenas uma visão crítica da realidade, mas um engajamento que se articula com a

transformação dela. E corrobora esta afirmativa, com a Bell Hooks, em sua obra ensinando a transgredir (2013, p.26) dizendo que o agir é o refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo. A pedagogia e educação engajada é uma estratégia de ensino, no qual visa criar um ambiente dentro da sala de aula de acolhimento, de afeto e feliz e como consequência tornar os estudantes críticos de suas realidades e do seu lugar. Uma pedagogia engajada é uma pedagogia da transformação, de abertura para o novo, para o vir a ser constante, para aquilo que não é, mas pode ser. (LADEIRA E INSFRÁN, 2019)

3.3 É possível o uso da cartografia afetiva na construção do conceito de lugar?

Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se pelo conceito de lugar a partir da abordagem humanística, uma vez que “lugar não é um ponto definido por coordenadas geográficas, um ponto no espaço, uma localização física ou uma representação cartográfica; ele é a articulação da espacialidade com as relações sociais estabelecidas entre seres humanos e os elementos que compõem esse espaço”(AZEVEDO e OLANDA, 2018). Estudar e compreender o lugar em Geografia significa “compreender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições culturais e humanas (...)permite ao sujeito conhecer sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (CALLAI, 2000,p.84). Então o lugar é bastante significativo, pois ele é o palco das nossas relações, do cotidiano, dotado de memória, familiaridade e por isso dotado de afetividade, sentimento e pertencimento.

Portanto, é pertinente e válido o uso da cartografia afetiva na construção do conceito de lugar, pois permite identificar os significados que os alunos atribuem aos seus espaços de vida, no qual se incluem a escola, a rua, o bairro, a cidade e o município e, ainda, utilizá-los como exemplos e matéria prima para se construir conhecimentos geográficos sistematizados.

O uso da cartografia afetiva associado ao conceito de lugar contribui para um processo de ensino-aprendizagem que leve os alunos a compreenderem melhor a si mesmo, o mundo em que vivem e que os permitam interferir no exercício da cidadania com uma atuação e inserção social mais consciente e humanista. Neste ponto, fortalecendo a afirmativa, com a BNCC afirmando que no Ensino Fundamental II é importante “retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes(BRASIL, 2022. p. 60)”. Onde no ensino fundamental I, a geografia aborda a “valorização e problematização das vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos (BRASIL, 2022. p. 355)”.

Esses aprendizados são importantes para que os alunos compreendam a si mesmos e àqueles que estão em seu entorno, suas histórias de vida e as diferenças dos grupos sociais com os quais se relacionam. Entende-se que as competências e habilidades a serem desenvolvidas são “desenvolvimento da percepção está voltado para o reconhecimento do Eu, do Outro e do Nós, no Ensino Fundamental – Anos Finais é possível analisar os indivíduos como atores inseridos em um mundo em constante movimento de objetos e populações e com exigência de constante comunicação”(Brasil, 2022. p. 355). Os alunos que estão entrando no ensino fundamental II ainda trazem consigo o lúdico, as suas experiências pessoais, o seu lugar no mundo, os seus sentimentos muito aflorados, pois vivenciam diversas mudanças biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Eles ampliam suas descobertas em relação a si próprios e às suas relações com grupos sociais, tornando-se mais autônomos para cuidar de si e do mundo ao seu redor. E por isso, abordar o conceito de lugar com o uso da cartografia afetiva, traz o subjetivo para o concreto, para o espacial, no qual conseguem se perceber como um sujeito atuante da produção do lugar valorizar os espaços de vivência, os afetos e a ludicidade e os outros grupos sociais que atuam nestes espaços e por usar com menos rigor as técnicas cartográficas, como o desenho livre, mas seguindo regras de cores, disposição espacial dos elementos, mas entendendo a espacialidade dos acontecimentos e anseios seus e dos seus

colegas. Outro ponto que podemos abordar é a escala, na qual esse aluno entende o seu lugar no mundo, levando em conta, de forma progressiva, a escola, a comunidade, o Estado e o país. (Brasil, 2022. p. 355)

Rafael Straforini (2018, p. 175) afirma “que qualquer conhecimento escolar para ser apropriado significativamente pelos estudantes precisa estar fortemente relacionado ao cotidiano, ao vivido, ao presente, ou ainda, à realidade deles.” [...] Ensina a observar a realidade e a compreendê-la com a contribuição dos conteúdos geográficos, [...] um modo de pensar a respeito de algo”. Ensina-se, por meio dos conteúdos, a perceber a espacialidade da realidade” (Cavalcanti, 2012, p. 136).

E uma das alternativas levantadas no artigo, é a aprendizagem através das relações de afeto com o lugar, presentes no espaço e o cotidiano vivido pelos alunos, sendo apresentado uma proposta de atividade pedagógica da discussão a elaboração de um mapa afetivo pelos próprios alunos. E dessa forma, o conhecimento prévio do aluno. A escolha do mapa afetivo como representação do espaço ocorreu em pensar em uma linguagem simples e acessível, sem auxílio técnico, sem seguir as ordens de um mapa administrativo da cidade ou bairro, mas mapear a partir das memórias, dos sentimentos que esses lugares representam para cada um. Sendo assim, um mapa com pouca rigidez das técnicas, para depois, quando o conteúdo de cartografia for retomado, ser aprofundado.

Oliveira Jr (2012) enfatiza a importância da Cartografia Escolar não ter somente o caráter informativo e comunicativo. Para Oliveira Jr. (2012), é importante encontrar alternativas aos mapas e às obras cartográficas que nos permitam imaginar e inventar percursos para a Cartografia Escola.

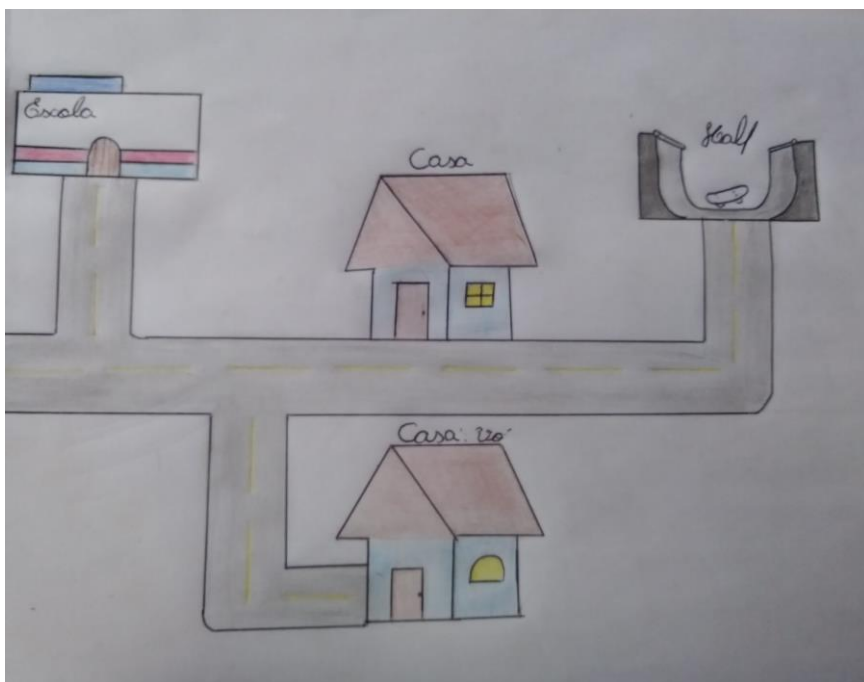
Apresento a seguir, exemplos do uso da cartografia afetiva e o lugar, algumas atividades propostas por professores que utilizaram o mapa afetivo como recurso didático em sala de aula.

Mapa afetivo 1: Na produção, eles precisavam desenhar os locais de convivência que eles sentiam saudades, tanto da organização, como da comunidade.



fonte: acessada em: giral.org.br/criancas-elaboram-mapas-afetivos/

Mapa afetivo 2: Os lugares de afeto.



fonte: acessada em museueducativo.com.br

Mapa afetivo 3: trajeto dos lugares até a sua casa.



fonte: acessada em museueducativo.com.br

3.3 Proposta de atividade pedagógica

A atividade tem como objetivo explorar o conceito de lugar utilizando a cartografia afetiva, permitindo que o aluno se conecte de maneira pessoal e emocional com os espaços ao seu redor, do seu cotidiano. A proposta é fazer com que os estudantes reflitam sobre os lugares que fazem parte de suas vivências e como esses lugares se relacionam com suas identidades e sentimentos e construam uma representação cartográfica pessoal, destacando lugares significativos em suas vidas.

Para a execução da atividade, pensa-se no contexto programático de três aulas com duração de 50 minutos cada. Na primeira etapa, com a apresentação do conceito de lugar, com duração de 30

minutos. Na segunda etapa, com a demonstração de mapas afetivos e lugares que possam ter relevância sentimental aos alunos, utilizando o gps, o google maps e o google earth, deixando pesquisar, participar do reconhecimento e identificação dos seus lugares, e a construção do mapa afetivo, o tempo estimado para essa etapa são de 70 minutos, abordaremos e analisaremos os elementos do mapa, como título, legenda, orientação. Na terceira etapa, com duração de 40 minutos, os alunos vão apresentar e pontuar a escolha dos seus lugares para a turma e analisar a escolha dos seus colegas sobre os lugares que foram escolhidos, ocorrendo uma roda de diálogo entre a turma e finalizando assim, a conclusão da atividade e da aula.

Etapas da Atividade:

1. Introdução ao Conceito de Lugar (30 minutos)

Apresentar o conceito de "lugar" e suas relações com o espaço vivido e a relação entre o lugar e a identidade pessoal.

O professor deve introduzir a atividade com uma explicação sobre o conceito de lugar. O lugar não é apenas um ponto geográfico, mas um espaço carregado de significados emocionais e culturais para quem o vive. E pode utilizar exemplos, como: "Minha casa é um lugar onde me sinto seguro e feliz." "A praça do meu bairro é um lugar onde gosto de brincar com meus amigos."

E como atividade de reflexão nesta etapa, pode-se perguntar aos alunos:

- O que é um lugar para você?
- Quais lugares são importantes para você e por quê?
- Como um lugar pode ser diferente para cada pessoa.

Discutir que o lugar não é apenas um ponto geográfico, mas também um espaço afetivo e simbólico. Exemplos: casa, escola, praça, ruas, bairros e por isso, diferentes lugares podem ter significados diferentes para cada pessoa, dependendo das experiências e memórias associadas a eles.

Exemplificar com fotos de lugares conhecidos (por exemplo, bairros locais, pontos turísticos, etc.), pedindo aos alunos para compartilharem suas memórias ou sentimentos ao ver essas imagens.

2. Confecção dos mapas afetivos (70 minutos)

Nesta etapa do trabalho, a ideia é mostrar exemplos de mapas afetivos, que podem ser de outros alunos ou um mapa afetivo criado pelo próprio professor com os seus lugares de afeto, no qual mostra as emoções e histórias de quem os criou, demonstrando assim, a combinação entre geografia e as experiências pessoais.

E os alunos deverão refletir sobre:

- Quais lugares significativos você teria no seu mapa?
- Por que eles são importantes para você? qual sentimento você tem por esses lugares?

O professor pedirá para os alunos criarem seus próprios mapas afetivos, representando lugares significativos de suas vidas e as emoções que estes lugares provocam.

- Orientação para a construção do Mapa:
- Pedir aos alunos que desenhem um mapa de sua cidade ou bairro (ou de outro lugar significativo para eles), destacando alguns pontos de referência importantes, como sua casa, escola, praça, ruas favoritas, ou outros locais que têm um valor emocional.
- Elementos a serem incluídos no mapa:
- Locais significativos: Casa, escola, parquinho, ruas especiais, lugares de lazer ou de memória.
- Sentimentos associados: Cada lugar pode ser identificado com símbolos ou cores que representem os sentimentos ou experiências relacionadas a ele (exemplo: cor azul para o lugar onde sente paz, amarelo para o lugar de diversão, etc.). Incentivando os alunos a expressarem os seus sentimentos em relação a cada lugar, refletindo as emoções como felicidade, tristeza, nostalgia, conforto, etc.
- Legenda do mapa: Cada lugar marcado no mapa deve ter uma legenda explicando o que ele representa e por que é importante para o aluno. Usar cores, símbolos e desenhos que ajudem a expressar o que cada lugar representa para eles (exemplo: cor azul para a tranquilidade de um parque, cor amarela para a felicidade de uma festa de aniversário, etc.).

3. Conclusão da atividade (40 minutos)

Nesta etapa do trabalho, a ideia é refletir sobre os mapas afetivos e como os lugares influenciam as relações pessoais e culturais e a troca de experiências entre os alunos.

Nesse momento, sugere-se que seja feito uma roda de conversa para que os alunos compartilhem os seus mapas afetivos, explicando a escolha dos lugares, os seus sentimentos e o porquê dessas escolhas e da sua importância. Durante a dinâmica, o professor pode destacar a importância dos lugares na construção da identidade, das vivências individuais, reforçando o conceito de lugar, algo que vai além do físico, mas está relacionado às experiências pessoais e culturais. Atendendo os alunos a perceberem semelhanças e diferenças nas escolhas dos lugares, no qual está associado aos sentimentos de cada um sobre o lugar, observando a diversidade de experiências. Além disso, pode destacar a importância de entender a geografia como algo mais do que apenas locais físicos, mas também como um reflexo das nossas vivências e afetos.

4. Considerações finais

A cartografia é uma ferramenta extremamente importante para o ensino da geografia, no qual ensina a ler e interpretar mapas, desenvolvendo no aluno a compreensão do espaço e essa noção vai sendo aprofundada ao longo dos anos. Porém, como professora através da minha experiência e prática pedagógica, sinto a necessidade de uma integração dessa ferramenta cartográfica no ensino da Geografia, sendo utilizada e associada ou relacionada a outros conteúdos dentro da Geografia, como solução para a dilema que vivenciei, utilizei uma ramificação da cartografia, como cartografia afetiva na construção do conceito de lugar, interligando dois conteúdos importantes para o 6º ano do ensino fundamental. É válido o uso desta cartografia no sexto ano, pois os alunos trazem consigo a bagagem das suas vivências dos anos anteriores, que está associada ao afeto, ao seu lugar no mundo e com o decorrer dos meses ocorre o amadurecimento deste olhar para os conteúdos e as relações.

E o uso da cartografia no 6º ano não se utiliza de tanto rigor nas técnicas, favorecendo então, as atividades no qual o aluno pode ser protagonista do conhecimento, produzindo mapas com relevância para si, para a comunidade ou grupo que está inserido, desenvolvendo sua autonomia, senso crítico e percepção do seu lugar no mundo e suas formas de atuação. Somos seres com vivências diferentes, que pensamos de formas distintas mas habitando os mesmos espaços e por isso temos percepções diversas, observar isso no mapa afetivo faz com que o aluno identifique que há diversas formas de representar o espaço através do intuito do pesquisador.

A cartografia afetiva pode ser uma ferramenta poderosa na construção do conceito de lugar na geografia, pois permite que os alunos expressem suas emoções, memórias e experiências relacionadas a um espaço. Sendo assim, ela enriquece a compreensão do lugar, indo além das características físicas e incorporando as percepções subjetivas e afetivas que fazem parte da relação das pessoas com o espaço. Assim, a cartografia afetiva ajuda a criar uma visão mais humanizada e sensível do lugar, fortalecendo a conexão emocional, cultural e identitária com o lugar. É uma maneira de reconhecer que o espaço não é apenas uma localização geográfica, mas também um espaço de significados e sentimentos. A relevância do trabalho, com a averiguação diante do inexpressivo uso da cartografia afetiva dentro dos materiais didáticos analisados, a proposta pedagógica pode trazer ganhos significativos ao processo de ensino-aprendizagem ao valorizar a vivência e o espaço vivido do aluno para a construção do conceito de lugar, conceito esse presente no currículo da geografia escolar do sexto ano. E a criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e colaborativo, onde o estudante constrói conhecimentos de forma mais consciente e duradoura, promovendo uma educação mais democrática, estimulante e alinhada às necessidades e interesse de quem aprende.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, B. **Cartografia afetiva, os afetos que mapeiam a escola**. Juiz de fora, 2019.

AZEVEDO, M. O.; OLANDA, E. R. **O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 136–156, 2018. DOI: 10.5216/ag.v12i3.57540. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/57540>. Acesso em: 29 mar. 2025.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus Editora, 1998

Giral Desenvolvimento Humano e Local © 2023.: **Crianças geram mapas afetivos**. Disponível em: <https://giral.org.br/criancas-elaboram-mapas-afetivos/> acessado em, 29/05/2024 às 19:00

HUTTA, J. S. **Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder**. Presidente Prudente, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 63-89, junho, 2020. ISSN: 2176-5774

LADEIRA, T. A; INSFRÁN, F. F. N. **A pedagogia engajada e a práxis da transformação do mundo – um ensaio sobre a educação libertadora**. Revista Educação Pública, v. 19, nº 22, 24 de setembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/23/a-pedagogia-engajada-e-a-praxis-da-transformacao-do-mundo-r-um-ensaio-sobre-a-educacao-libertadora>

MANFIO, V. **APRENDIZAGEM PAUTADA NA AFETIVIDADE: E a Geografia onde entra nesta discussão?**. Revista Tocantinense de Geografia, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 104–121, 2021. DOI: 10.20873/rtg.v10n20p104-121. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/geografia/article/view/9303>. Acesso em: 17 abr. 2025.

Museu educativo: **galeria de mapas afetivos**. Disponível em: <https://museueducativo.com.br/2021/03/16/galeria-de-mapas-afetivos/> acessado em, 23/06/2024 as 14:00.

NEGRÃO, M. **Utilização de mapas afetivos como recurso didático para a geografia escolar: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NUMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE JABOATÃO DOS GUARARAPES**. Recife (2022).

Observatório de territórios sustentáveis e saudáveis da bocaina Disponível em: <https://www.otss.org.br/cartografia-social> acessado em, 23/09/2024 às 17:20.

PAIVA, D. **ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA CONSTRUÇÃO DE UM “MAPA AFETIVO” DO MUNICÍPIO NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA**. Revista de Ensino de Geografia Desde 2010 - ISSN 2179-4510. Disponível em: www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

SILVA, C. **Educação do campo e memória social: percursos, afetos e paisagens possíveis na (res)significação da participação comunidade-escola**. UNIVERSIDADE

FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PPGED CURSO DE MESTRADO. Sorocaba, 2015.

SILVA, L. B. S. **Uma cartografia de circuitos afetivos no cotidiano escolar como movimentos de tecitura de uma micropolítica: como as crianças carregam água na peneira na escola?** 2020. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

STRAFORINI, R. **O ensino de Geografia como prática espacial de significação.** Estudos Avançados, [S. l.], v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018.

TAKADA MORETI, N. M. **Espaço escolar e geografia dos afetos: paredes ou pontes atmosféricas?**. Geografia em Atos (Online), Presidente Prudente, v. 5, n. 12, p. 135–147, 2019. DOI: 10.35416/geoatos.v5i12.6492. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/6492>. Acesso em: 18 abr. 2025.